

RESENHA

Geografias do Corpo: Ensaios de Geografia Cultural

Body Geographies: Essays in Cultural Geography

Alides Baptista Chimin Junior

Grupo de Estudos Territoriais – UEPG / Brasil

alides.territoriolivre@gmail.com

Karina Eugenia Fioravante

Grupo de Estudos Territoriais – UEPG / Brasil

karinafrr@gmail.com

AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Orgs). **Geografias do Corpo: Ensaios de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, 2009.

A obra 'Geografias do Corpo: Ensaios de Geografia Cultural', publicada em 2009 em Portugal, oferece uma importante contribuição para a problematização das relações entre corpo e espaço. Esta abordagem tem sido discutida nas duas últimas décadas com bastante intensidade pela comunidade de geógrafos de língua inglesa e agora está acessível em língua portuguesa, o que possibilita o acesso dessa discussão ao público brasileiro e de toda América Latina. O livro, organizado por Ana Francisca de Azevedo, José Ramiro Pimenta e João Sarmiento, é fruto da contribuição de mais seis autores que, juntos, gratificam a comunidade geográfica com o desenvolvimento de um tema fundamental para a ciência geográfica contemporânea.

O primeiro texto 'Geografias Culturais do Corpo' refere-se a uma longa introdução em que os organizadores constroem um panorama do tema no escopo da Geografia frente às outras ciências sociais, realizando uma apresentação de cada um dos temas que compõem a coletânea, costurando os argumentos internos escritos por diversos autores. Este momento do livro expõem as diversas características segundo as quais podemos pensar em uma espacialidade do corpo, bem como de uma corporalidade espacial, que são: o poder, as representações e as práticas. Os autores deixam claro que seu objetivo é pois demonstrar a necessidade de levarmos em consideração a questão da corporalidade na Geografia que fazemos, nos apresentando da mesma forma, ou a partir de diversas abordagens sobre a temática.

Ana Francisca de Azevedo no capítulo 'Desorganização do Corpo, uma Política do Lugar' traz para discussão caminhos para abordagem do corpo, evidenciando as mais relevantes contribuições que auxiliam na constituição do corpo como uma categoria na ciência geográfica. Seu argumento, estruturado em

três partes, claramente posicionado na vertente desconstrucionista, realiza uma análise das formas de visão de mundo que serviram para a produção de um espaço descorporizado pela Ciência Geográfica. Num segundo momento, a autora oferece um caminho possível de análise do corpo, ousando retirar o corpo de um papel passivo, receptáculo de identidades essencializadas, para torná-lo vivo, em sua relação com o mundo. Para ela, há uma necessidade de suplantiar a ideia de um corpo resultado de processos acabados de formação identitária, pois advoga pela ideia do corpo vivo no mundo, criativo, transformador e lugar das pulsões de subjetividades em permanente processo. Por fim, a autora provoca os leitores para a difícil tarefa da inclusão da experiência vivida como crítica para a teorização da subjetividade que também é elemento criador do conhecimento e também do mundo.

Em 'Fausto entre Nós. Geografias Pós-Humanas', Eduardo Brito - Henriques traz uma discussão sobre as questões do corpo apoiado no conceito de hipermodernidade e utopianismo. O autor nos traz uma poética reflexão sobre as corporalidades trans ou pós-humanas nas sociedades contemporâneas. Ele afirma que devido ao racionalismo moderno, período em que ocorre uma disjunção do corpo com a mente, sendo a última a essência do homem, o corpo é quase visto como uma coisa, ou seja, ocorre uma despesoalização moderna do corpo humano. O autor faz uma viagem pelas ideias de corpo enquanto mercadoria, discutindo sobre as técnicas propostas pela biomedicina e biotecnologias capazes de esculpir corpos, esfacelando assim, as ontologias e fronteiras entre os corpos.



Baseada em documentos históricos e arqueológicos, Roberta Gilchrist, em seu texto 'O Corpo Desseixado: a Vida Interior das Mulheres Religiosas da Idade Média', explora o universo afetivo de mulheres religiosas reclusas na Idade Média. Ela defende a tese de que a sexualidade das mulheres religiosas se dava de forma invertida, ou seja, privadas de todo o tipo de prazer do corpo, não somente o sexual, mas também a questão alimentar, de higiene e de conforto, as mulheres religiosas reclusas apresentavam uma sexualidade fetichista, vivenciada por intermédio do corpo de Cristo. Ou seja, Gilchrist conclui que a sexualidade dessas mulheres não estava ausente ao longo de suas vidas, muito pelo contrário, era uma forma de sexualidade singular, interiormente vivida.

Com base no filme *Sexual Dependency*, Benedict Hoff apresenta o texto 'Uma Experiência com a Linguagem do Cinema: Objectivos, Efeitos e Consequências'. Embora o autor traga outros exemplos, sua argumentação sustenta-se na referida produção fílmica. Trata-se de uma produção que extrapola o padrão hollywoodiano repleto de elementos enraizados na cultura do local de produção. De forma curiosa, o autor levanta uma série de questionamentos sobre a linguagem visual do cinema e sua difusão para outros espaços nacionais, passando por filtros de traduções e elaboração de legendas. Estas várias ações na produção fílmica original constroem novos elementos que se mesclam na compreensão da linguagem visual no interior de fronteiras nacionais e de sua transnacionalização. Segundo o autor, as audiências não familiarizadas com os contextos culturais de produção de filmes do estilo de *Sexual Dependency* não compreendem suas linguagens específicas, trazendo uma série de consequências sobre a responsabilidade do papel dos tradutores que realizam um papel fundamental na elaboração da compreensão de códigos simbólicos e os desafios presentes na indústria da tradução no processo de transnacionalização de filmes que fogem ao padrão de Hollywood.

Com base no livro de Paul Auster, *Moon Palace*, Joana Lima realiza sua análise em torno da relação entre corpo e espaço por meio da interpretação da viagem dos protagonistas do referido romance e das representações espaciais que ele suscita. O texto 'Corpo, Identidade e Linguagem nas Cavernas de Moon Palace' evidencia os sistemas de representação de mundo, vividos pelos personagens que experienciam os lugares. Tais percepções reposicionam seus corpos e recriam constantemente os sentidos de estar no mundo, trazendo a evidência de que o ser é o corpo vivo em ação no mundo.

A análise da concepção territorial do conhecimento cientificamente instituído é desenvolvida por Teresa Mora no capítulo 'O Véu Territorial da Razão e o Corpo como Natureza Morta'. O seu texto estabelece argumentos em torno da representação nociva do corpo na pretensa preservação da objetividade do conhecimento científico, constituindo um problema em sua articulação com a razão em nossa sociedade. Com base na obra de Gabriel Foingnt, *La Terre Australe connue*, de 1676, a autora discute o corpo presente nos percursos do conhecimento científico e sua relação com a razão.

O texto 'População Acumulada: Corpos, Instituições e Espaço', de Chris Philo, nos traz uma interessante discussão sobre a relevância das ideias de Michel Foucault para os geógrafos da população, bem como, para uma perspectiva de corpos no espaço. O autor examina a obra de Kantrowitz e de Foucault, dando maior atenção às suas discussões sobre as prisões para demonstrar que existe aí um possível extenso campo de interesse para os geógrafos da população.

José Ramiro Pimenta em 'O Corpo, Lugar do Tempo' realiza uma instigante reflexão em torno de dois importantes pensadores, Michel Foucault e Edward Said, destacando a importância da geograficidade de suas obras. O autor realiza um paralelo entre o pensamento de ambos, evidenciando que o tempo para Foucault é constitutivo do lugar e do espaço nas relações de poder e que a pretensa metanarrativa histórica se desfaz na perspectiva da arqueologia do saber. A análise da obra de Said traz a importância da consideração do lugar de onde se fala, mostrando as relações culturais e científicas que a época moderna, com base no olhar do ocidente, construiu a respeito do oriente. Considera o 'ponto-de-vista-geográfico' da construção da metanarrativa histórica, fundamental na compreensão das imaginações ontológicas.

Uma interessante trajetória pessoal e científica é explorada por João Sarmiento em 'As Inescapáveis Geografias do Corpo: Mobilidade, Escala e Lugar'. O autor realiza uma provocante análise tomando como ponto de partida seu próprio corpo, através da experiência de um tratamento de saúde, para alcançar uma reflexão em torno das diferenças corporais num espaço, concebido por ele como relacional e que tenciona sempre os microespaços e as geografias globais. Num segundo momento, o autor retrata um acontecimento esportivo em que se confrontavam Portugal e Angola, evidenciando as diferenças corporais entre negros e brancos que carregavam uma longa história representacional, repleta de discriminação e preconceitos do passado colonial português na África. Os corpos eram mais do que materialidades, mas verdadeiros mapas de poder e identidade que possuem uma história e uma geografia própria e em constante confronto.

A obra analisada representa uma contribuição ímpar para o desenvolvimento do pensamento geográfico cultural, trazendo o corpo na abordagem espacial, para além do mundo anglo-saxão. O livro é instigante, traz uma série de provocações e inquietações que devem influenciar novos caminhos de pesquisa científica.